



Caritas Internationalis

**“A Face Feminina da Migração”
Saly, Senegal, 30 de Novembro de 2010**

**Discurso de Abertura proferido por Lesley-Anne Knight
Secretária-geral da Caritas Internationalis**

Eminências, excelências, reverendos padres, ilustres convidados, irmãos e irmãs, pessoal e amigos da Caritas...

Em nome da Caritas Internationalis gostaria de vos dar as boas-vindas a esta conferência sobre a "*Face Feminina da Migração*". Uma indicação da grande importância deste acontecimento é o facto de contarmos com a presença de cerca de cem delegados, vindos de todo o mundo. Temos aqui presentes representantes e oradores convidados de alguns dos principais estabelecimentos académicos e de investigação, da Igreja, de organizações humanitárias católicas e outras, de fundações de beneficência e de organizações da Caritas, provenientes das sete Regiões da Caritas Internationalis.

Gostaria de dizer um grande Obrigado aos nossos anfitriões, a Caritas Senegal, que tem trabalhado incansavelmente para assegurar o sucesso deste evento, e que tem também vários representantes a participar no mesmo.

Como sabem, o título deste evento é "*A Face Feminina da Migração*" mas, se reflectirmos um pouco, talvez seja mais exacto falarmos das **faces** femininas da migração. Porque quanto mais examinarmos este fenómeno, melhor entenderemos a sua natureza multifacetada e complexa. É uma questão repleta de contradições e paradoxos; com contrastes e injustiças; com dilemas morais e conflitos de interesses.

Foram exactamente estas complexidades que compeliram a Caritas a organizar este evento, num esforço de desenvolver um entendimento mais profundo do papel que as mulheres têm desempenhado na realidade mutável da migração e também para examinar maneiras de reagirmos a estes desafios.

Devo confessar-vos que, para mim pessoalmente, de muitas maneiras, a situação não é nada clara.

Por exemplo, por um lado a migração pode contribuir para a igualdade entre os géneros e para a capacitação das mulheres, proporcionando-lhes os rendimentos e posição social, a autonomia, a liberdade e o amor-próprio que um emprego nos confere. Por outro lado, elas são vulneráveis à exploração e são alvos fáceis de traficantes. São atraídas para a prostituição forçada, para oficinas de exploração e para o trabalho doméstico desumano, com promessas de uma vida mais próspera no estrangeiro. As mães que deixam para trás os seus filhos também levam consigo um grande peso psicológico e emocional.

Por um lado, as mulheres educadas que, nos seus países, enfrentam a discriminação no trabalho, no estrangeiro podem encontrar empregos que correspondam melhor às suas qualificações. Por outro lado, as mulheres profissionais que emigram por vezes aceitam empregos não especializados, com esperança de acabar por encontrar emprego nas suas profissões. Porém, muitas vezes isso não acontece, o que afecta negativamente as suas oportunidades profissionais, ao passo que os seus países natais perdem o valor das suas competências.

A procura cada vez maior de empregadas domésticas nos países desenvolvidos oferece oportunidades de emprego às mulheres migrantes; mas o trabalho doméstico muitas vezes não é controlado, o que deixa as mulheres vulneráveis a horas de trabalho excessivas e a condições desumanas.

Como migrantes, as mulheres costumam enviar uma grande percentagem dos seus rendimentos para os seus países, remetendo estes fundos para benefícios dos filhos. Além disso, também enviam “remessas sociais” na forma de ideias, competências, atitudes e conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento socioeconómico, para os direitos humanos e

para a igualdade entre os géneros. Mas a outra face da moeda é que se está a criar uma geração de “órfãos da mobilidade” cujo desenvolvimento mental e emocional sofre como resultado da ausência destas mães.

A formulação de uma política à luz destas contradições não vai ser tarefa fácil. Mas é esse o desafio que encaramos nestes próximos dias, e tenho a certeza de que vai ser um processo estimulante.

À medida que fomos trabalhando para um melhor entendimento destas questões tão complexas, talvez seja útil ter em mente o conselho que São Paulo deu aos Tessalónicos:

“Testem tudo e agarrem-se ao que é bom.”
(1 Tessalónicos 5:21)

Eu também creio que seja útil termos sempre em mente os valores básicos da nossa confederação da Caritas. Em especial, a nossa **opção preferencial pelos pobres**. Seja onde for o nosso trabalho, a Caritas dá prioridade às necessidades dos mais pobres, dos marginalizados, dos oprimidos.

A pobreza acrescenta uma camada adicional de complexidade à face feminina da migração. A pobreza é uma das forças motrizes da migração, e são muitas vezes as mulheres e meninas as pessoas mais vulneráveis aos seus efeitos.

Mas, em contrapartida, as mulheres e meninas que emigram podem tornar-se vítimas de novas experiências de pobreza nos países que as recebem. Algumas saem de casa como profissionais instruídas, e talvez acabem por se encontrar nas margens da sociedade, nas suas novas casas – estigmatizadas, excluídas e vítimas de discriminação.

Decerto que qualquer estratégia sobre a feminização da migração se deve dirigir à questão da pobreza, em todas as suas manifestações.

As mulheres e meninas não só são mais vulneráveis à pobreza, são também parte essencial da solução que a aliviará e

erradicará. O seu papel no coração da família, da comunidade e da sociedade faz delas potentes intervenientes para a melhoria de todos os aspectos da vida. Por exemplo, tem sido demonstrado que mesmo um mínimo de educação conferido às meninas melhora os níveis de saúde familiar e reduz a mortalidade infantil e maternal. É provável que uma menina que tenha completado a instrução primária se case mais tarde e tenha uma família mais saudável do que uma menina que nunca tenha frequentado a escola.

As mulheres também desempenham um papel importante na conservação da fé e dos valores culturais, transmitindo-os aos filhos, conservando a sabedoria tradicional e estratégias de sobrevivência durante períodos de dificuldade. As famílias desagregam-se e perdem a sua coesão quando as mulheres são enfraquecidas pela pobreza.

Nas organizações da Caritas, o foco na feminização da migração e da pobreza tem diferentes significados, de acordo com o contexto onde trabalham. Nos países de origem, talvez signifique tornar as mulheres e meninas conscientes dos riscos implicados e ajudar as trabalhadoras migrantes que desejem regressar a casa; nos países anfitriões, talvez signifique iniciar campanhas para mais canais de migração legais e para assegurar uma regulação adequada das condições de trabalho dos migrantes.

Mas, seja qual for a nossa abordagem a esta questão, estamos unidos pela nossa crença numa única humanidade. A confederação da Caritas é um sinal e um símbolo, acima de tudo, do amor de Deus à sua família humana.

No mês passado, o Papa Bento XVI escolheu, para sua mensagem no Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, o tema “Uma Família Humana”, dizendo-nos:

“A irmandade humana é a experiência, por vezes um tanto surpreendente, de uma relação que nos une, de um elo profundo com o outro, diferente de mim, baseado no simples facto de sermos seres humanos. Assumida e vivida de forma responsável, fomenta uma vida de comunhão e partilha com todos e em especial com os migrantes; suporta a dívida do nosso ser aos outros, para bem deles, para o bem de todos, nas comunidades políticas locais, nacionais e mundiais.”

O conceito da família é particularmente importante na consideração da migração pois, apesar da contribuição financeira que os migrantes podem fazer para o desenvolvimento, não são meros recursos económicos; os migrantes são esposas e esposos, filhos e filhas, mães e pais.

Por conseguinte, o seu desenvolvimento deve ir além da riqueza material. Tem de ser um desenvolvimento humano integral, baseado num entendimento completo da pessoa humana.

À medida que vamos entrando na época do Advento, o mesmo faz-nos lembrar a Natividade e uma das mais famosas de todas as famílias de migrantes. Chegaram a Belém e não tinham onde ficar; Maria deu à luz o filho longe de casa e do apoio da sua família. Jesus nasceu para um mundo de incerteza e de perigo. E, como nos conta o evangelho de Mateus, em breve a Sagrada família se mudou de novo, fugindo para o Egipto para proteger a vida do seu pequeno filho.

Hoje, mais de 2000 anos depois, estes cenários são todos familiares. O conflito e a perseguição continuam a fazer com que as pessoas larguem as suas casas, indo em busca da segurança. As mulheres continuam a dar à luz em condições que são longe de serem ideais, longe das suas casas e das suas famílias.

Na “face feminina da migração” podemos ver a imagem de Maria. Vemos amor, coragem e sacrifício. Que essa imagem nos inspire, à medida que formos procurando apoiar e proteger as mulheres, na sua jornada em direcção a uma vida melhor.

Lesley-Anne Knight
Secretária-geral
Caritas Internationalis
Saly, 30 de Novembro de 2010